



SE GEORG BRANDES TIVESSE PODIDO RECORRER AO GOOGLE

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2022.182.01>

Alvaro L. M. Valls

Mestre e Doutor em Filosofia pela Universidade de Heidelberg - Alemanha. Professor UFRGS, UNISINOS

alvaro.valls@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/7155529124026737>

“... wenn sie nur übersetzt wären! (... if only they were translated)”

RESUMO:

Perseguindo a questão: *“O que Nietzsche poderia ter lido de Kierkegaard em alemão”*, este artigo apresenta uma breve história dessas traduções na segunda metade do século XIX.

PALAVRAS-CHAVE:

Kierkegaard. Brandes. Nietzsche. Bärthold. Prática do Cristianismo. G. Thonhauser.

IF GEORG BRANDES HAD ACCESS TO GOOGLE

ABSTRACT:

Pursuing the question: *“What could Nietzsche have read of Kierkegaard in German”*, this article presents a short history of these translations in the second half of the 19th century.

KEYWORDS:

Kierkegaard. Brandes. Nietzsche. Bärthold. Practice in Christianity. G. Thonhauser.

Friedrich Nietzsche, nascido em 1844, jamais leu uma única página dos muitos volumes das obras publicadas, no idioma dinamarquês em meados do século XIX, por Søren Kierkegaard (1813-1855). Tampouco teve acesso a qualquer página desse autor que estivesse traduzida ao seu idioma alemão. Entretanto, sabemos que Georg Brandes (1842-1927), o renomado crítico literário dinamarquês, tornou-se amigo de Nietzsche, quando este ainda nem era famoso. Em 1886, Brandes recebeu do editor de Nietzsche um exemplar de ALÉM DO BEM E DO MAL e, um ano depois, tendo recebido com interesse outras dessas obras, iniciou uma correspondência com Nietzsche que durou até 1889, até o famoso bilhete de Nietzsche assinado como “O Crucificado”. Foi este mesmo Georg Brandes¹ quem pronunciou o primeiro curso sobre o pensamento do autor de Zaratustra em uma universidade, justamente na de Copenhague.² Nas cartas, os dois trocaram observações entusiásticas ou críticas sobre autores como o russo Dostoiévski, o sueco Strindberg e o norueguês Ibsen.

No dia 11 de janeiro de 1888, o amigo dinamarquês refere ao amigo alemão (dois anos mais moço que ele) que “existe um pensador escandinavo, cujas obras lhe interessariam muito se pudesse lê-las *em alguma tradução*”. Aliás, Brandes, em alemão, escreve: “*dessen Werke Sie interessieren würden, wenn sie nur übersetzt wären*”, o que literalmente significa: “cujas obras lhe interessariam, *se por acaso elas estivessem traduzidas*”.³ E Brandes prossegue: “Penso em Sören Kierkegaard (1813-1855), que é, segundo o meu conceito, um dos mais profundos psicólogos do mundo”.⁴ Nietzsche se desculpa dizendo

¹ G. Brandes viveu de 1877 a 1883 em Berlim. Seu ensaio sobre Nietzsche (UM ENSAIO SOBRE O RADICALISMO ARISTOCRÁTICO), inicia afirmando: “Na literatura da Alemanha atual, Friedrich Nietzsche me parece o escritor mais interessante. Embora pouco conhecido, inclusive em sua pátria, Nietzsche é um espírito absolutamente de primeira ordem, que merece por completo ser estudado, discutido, combatido e assimilado. Entre suas outras muitas qualidades, possui a de estimular o entusiasmo e por as ideias em movimento.” (BRANDES, 2004, p. 7.) Ver, também, a BIOGRAFIA de Nietzsche, de HOLLINGDALE, 2015, p. 225.

² Em ECCE HOMO, lemos a célebre reação: “A cada um de meus amigos digo na cara que ele jamais considerou que o *estudo* de qualquer obra minha valesse o esforço: percebo nos menores indícios que eles não sabem sequer o que há dentro delas. (...) Dez anos: e ninguém na Alemanha tomou como dever de consciência defender meu nome contra o absurdo silêncio sob o qual ele jazia soterrado: foi um estrangeiro, um dinamarquês, que por primeiro teve para isso finura de instinto e *coragem*, que se indignou com meus supostos amigos... Em qual universidade alemã seria hoje possível um curso sobre a minha filosofia, como foi dado na primavera passada pelo dr. Georg Brandes de Copenhague, que demonstrou assim mais uma vez ser psicólogo?” (NIETZSCHE, 1995, p. 107.)

³ Na tradução ao inglês, de H. Malik: “*whose works would interest you, if only they were translated*”. Ver MALIK, 1997, p. 254.

⁴ BRANDES, 2004, p. 102. (Grifo AV.) Ver NIETZSCHE, BRIEFWECHSEL, III, 6, em que consta: “*einer der tiefsten Psychologen, die es überhaupt giebt*”. Cf. MALIK: “*in my opinion one of the profoundest psychologists that have ever existed*” (ibid.).

que “idiota, não sabia nem sueco nem dinamarquês”.⁵ Brandes explica que ele mesmo já havia escrito um livrinho⁶ mas “o pequeno livro que escrevi sobre ele não dá imagem suficiente de sua genial personalidade, porque é um panfleto polêmico que foi realizado para estancar sua influência.” Brandes acrescenta, em todo caso: “Creio que psicologicamente é a coisa mais refinada que já escrevi em minha vida”.⁷ Este livrinho, uma de suas coisas que Brandes considerava psicologicamente mais bem sucedidas, já estava, desde 1879, traduzido ao alemão.⁸ É verdade que fora escrito para o crítico se defender da influência deste cristão, numa tentativa de barrar entusiasmos, como ele próprio já havia sentido (a ponto de quase se ter convertido, judeu que nascera, ao cristianismo).

Nietzsche responde, de Nice, em 19 de fevereiro do mesmo ano, com duas asserções: (A) que no ano seguinte, ou seja, 1889, na Alemanha, haveria de começar a trabalhar (B) no “problema psicológico Kierkegaard”.⁹ Aquele escritor dinamarquês, morto em 1855, transformava-se agora, em 1888, devido a um quiproquó, de “*um dos mais profundos psicólogos que já existiram*” (à altura, talvez, de Dostoiévski, e influenciador de Ibsen e de Strindberg), em um “*problema psicológico*”. Quer dizer: o profundo analista teria agora de deitar-se no divã!

É verdade que o grande filólogo, professor Nietzsche, não dominava as línguas da Escandinávia. E Brandes foi bastante sincero ao advertir que seu próprio livrinho era polêmico (pois tentava explicar as ideias de seu conterrâneo a partir de conflitos com o pai, com a noiva e com o jornal satírico *O Corsário*, num método psicobiográfico, e negando o elemento religioso em prol do aspecto estético-literário).

No entanto, o que hoje sabemos, ou que já sabemos na verdade há décadas, é que Nietzsche poderia muito bem ter lido Kierkegaard, se Georg Brandes, 140 anos atrás, tivesse podido utilizar alguma ferramenta como a do Google, para pesquisar e mostrar ao amigo a lista das obras de Søren Kierkegaard que àquelas alturas já se encontravam traduzidas, apresentadas, publicadas e eventualmente até resenhadas em alemão, idioma no qual Nietzsche foi um virtuose.¹⁰ Não é nossa intenção culpar Georg

⁵ O idioma norueguês era praticamente igual ao dinamarquês até a primeira metade do século XIX. Na carta de Turim, de 20/10/88, na tradução ao espanhol, consta: “*Qué animal soy yo, no entender el danés*”.

⁶ BRANDES, Georg. SØREN KIERKEGAARD: EN KRITISK FREMSTILLING I GRUNDRIDS. Copenhagen: Gyldendal, 1877. Obra que já fora traduzida ao alemão (por Adolf Strodtmann) dois anos depois, com 240 páginas.

⁷ BRANDES, 2004, p. 102. BRIEFWECHSEL, III, 6, onde consta: “*dies Buch ist eine Art von Streitschrift, geschrieben um seinen Einfluss zu hemmen*”. “*Hemmen*” pode ser traduzido por “inibir/obstruir/estorvar”.

⁸ BRANDES, Georg. SØREN KIERKEGAARD, EIN LITERARISCHES CHARAKTERBILD. Leipzig: Barth, 1879.

⁹ In: BRANDES, 2004, p. 104. BRIEFWECHSEL, III, 5, Nietzsche escreveu: “*Ich habe mich für meine nächste Reise nach Deutschland vorgesetzt, mich mit dem psychologischen Problem Kierkegaard zu beschäftigen*.” Na versão brasileira (NIETZSCHE, F. Cartas de 1888, tradução, apresentação e notas de Clademir Araldi. Curitiba: Moura SA, 2021, p. 81): “Em minha próxima viagem à Alemanha, tenciono ocupar-me com o problema psicológico chamado Kierkegaard.”

¹⁰ Calamidade mesmo teria sido se Nietzsche insistisse em ler Kierkegaard em francês (como o preferia no caso de Dostoiévski), pois parece que até então não havia mais que umas 30 páginas nesse idioma, embora, é verdade, com um texto que poderia interessá-lo de fato: “*En quoi l’homme de génie diffère-t-il de l’apôtre? Traité éthique-religieux*.”

Brandes, pois afinal de contas não havia nenhuma Internet em seu tempo; além disso, este crítico literário, de grande valor, não atuava, ao menos não a essas alturas, nos ambientes universitários e das produções acadêmicas, tampouco recebia normalmente notificações das editoras, às vezes pequenas, espalhadas pela Alemanha de Bismarck.

Contudo, Brandes não poderia ser absolutamente inocente, ou totalmente ignorante a respeito das interpretações, que concorriam com a sua, daquele autor, como as do primeiro grande tradutor alemão Albert Bärthold (baseadas em muitos textos das obras e dos papéis póstumos de Kierkegaard). Mas, sendo um polemista e propagandista de ideias positivistas, não seria razoável esperar dele informações detalhadas a esse respeito.

O crítico literário dinamarquês considerava-se um livre-pensador, racionalista, enquanto aqueles que inicialmente traduziram Kierkegaard ao idioma alemão deram preferência, nos anos 60 e 70 do século XIX, aos textos “religiosos” e mais tarde aos polêmicos, de ataque à cristandade¹¹. Pretendemos, porém, demonstrar aqui que, até o ano de 1888, época dessa troca de correspondência entre Nietzsche e Brandes, já se encontravam, sim, espalhados por várias editoras germânicas, algumas das principais obras daquele dinamarquês, que teriam com toda certeza interessado a Nietzsche (não menos que suas leituras de Dostoiévski), – arrancando dele provavelmente entusiasmo, junto quiçá com uma forte irritação. E o mais curioso, ou talvez surpreendente, é que essas editoras se situavam em geral justamente na região onde Nietzsche se criou, Sachsen-Anhalt, ou até mesmo na própria cidade de Leipzig, onde ele estudou!

Nascido em 1844, não se poderia esperar que Friedrich Nietzsche soubesse que justamente naquele ano Kierkegaard publicara, entre outros títulos, O CONCEITO DE ANGÚSTIA e as MIGALHAS FILOSÓFICAS. Tampouco que, no ano seguinte, 1845, um certo alemão de nome Andreas Frederik Beck havia publicado, de forma anônima, uma resenha dessas MIGALHAS FILOSÓFICAS no *Neues Repertorium für die theologische Literatur und kirchliche Statistik* (volume 2, 44-48), de Berlim. O autor pseudônimo das MIGALHAS já havia inclusive, em 1846, respondido à resenha de Beck, numa longa Nota de Rodapé, ao final do nosso primeiro volume do PÓS-ESCRITO CONCLUSIVO NÃO-CIENTÍFICO ÀS MIGALHAS FILOSÓFICAS. Os livros de Kierkegaard, de qualquer modo, ainda não estavam traduzidos ao alemão, nem nos anos 40, nem mesmo nos 50, tempo da infância e adolescência de Nietzsche.

¹¹ *ANGRIFF AUF DIE CHRISTENHEIT* [ATAQUE À CRISTANDADE] é, p. ex., o título de um grosso volume de traduções, com 631 páginas que reunirá já em 1896 algumas obras que já estavam disponíveis então. A rigor, porém, tradutores rebeldes (como Christoph Schrempf) surgirão só nos anos 90, posteriores portanto à relação Brandes-Nietzsche.

Como descreve corretamente Gerhard Thonhauser, em seu belo e eruditíssimo livro dos *Kierkegaard Studies* de 2016¹², as traduções para o alemão tomaram a obra original “de trás para diante”. Senão, vejamos. As primeiras 179 páginas a aparecerem traduzidas ao alemão, já em 1861, na cidade de Hamburgo, por um *Anonymus*, continham os 9 números do jornal/panfleto O INSTANTE, publicados em 1855, nos últimos meses de vida do autor dinamarquês, contendo sua polêmica acirrada contra a igreja oficial dinamarquesa.¹³ Nietzsche, a essas alturas nem universitário de Leipzig, não tinha motivos para se interessar por tais escritos, até porque seu pai, pastor da igreja evangélica alemã, já havia falecido (anos antes dessa polêmica), e ele, Friedrich, ao desistir de seguir tal carreira, interessar-se-ia pelos estudos filológicos do professor Friedrich W. Ritschl (de Bonn e depois de Leipzig, para onde Nietzsche o seguiu). Ora, no início dos anos 60, Nietzsche estudava ainda no Ginásio de Pforta, e se interessava, no máximo, pela poesia romântica. Mas, como veremos, os chamados “romances” de Kierkegaard (OU-OU e ESTÁDIOS) só serão traduzidos para o alemão nos anos 1885 e 1886 (justo em Leipzig, de onde então ele já partira, contudo, há anos).

Nietzsche continuava, no famoso Ginásio, interessando-se pela obra dos irmãos Schlegel (autores que tanto influenciaram Kierkegaard), quando, em 1862, um estudante de Teologia do extremo norte da Alemanha, de nome Christian Hansen¹⁴, publicou a 1ª. edição (seguida pelas de 1869, 1881 e 1895) de *ZUR SELBSTPRÜFUNG DER GEGENWART ANBEFOHLEN*, com 79 páginas, precedidas de XVII pp. de Apresentação. PARA O AUTOEXAME, RECOMENDADO AO TEMPO PRESENTE, é na verdade um dos últimos escritos publicados por Kierkegaard (1851). Por estranho que pareça, a tradução de Hansen apareceu em Erlangen, ao sul da Saxônia de Nietzsche¹⁵. A preocupação com o “*Selbst*”, o *Selv* de Kierkegaard, (tão importante para o futuro autor do ECCE HOMO), ainda não produziria frutos aqui. Essa obra kierkegaardiana¹⁶, embora pequena, teve forte ressonância em alguns círculos alemães, ligados principalmente à Teologia.

Há que falar, então, em seguida, de um modesto professor, desconhecido, que lecionou Teologia protestante em Tübingen, Johann Tobias Beck (1804-1878), o qual teve o mérito de tornar atentos a Kierkegaard alguns alunos, de entre os quais saíram dois dos mais importantes e sérios tradutores do

¹² THONHAUSER, Gerhard. *EIN RÄTSELHAFTES ZEICHEN. Zum Verhältnis von Martin Heidegger und Søren Kierkegaard*. Kierkegaard Studies, Monograph Series 33. Berlin/Boston: Walter de Gruyter, 2016 (518 pp.).

¹³ ANONYMUS. *CHRISTENTUM UND KIRCHE. “DIE GEGENWART”*. Ein ernstes Wort an unsere Zeit, insbesondere an die evangelische Geistlichkeit. Von Søren Kierkegaard. Hamburg: Köbner, 1861: [CRISTIANISMO E IGREJA. “O PRESENTE”. Uma palavra séria ao nosso tempo atual, especialmente ao clero evangélico].

¹⁴ O tradutor, o estudante de Teologia Christian Hansen, era do Schleswig, região bilingue, de litúrgico, aliás, pouco depois conquistada por Bismarck, na guerra dano-prussiana de 1864.

¹⁵ Erlangen situa-se, no mapa, acima de Nuremberg, na Francônia, hoje no estado livre da Baviera.

¹⁶ Consta ter sido essa obra, numa de suas edições, que conquistou para Kierkegaard o tradutor Hirsch.

dinamarquês: Albert Bärthold e Hermann Gottsched.¹⁷ Há talvez uma sutil ironia no fato de este segundo alemão de nome Beck ter desempenhado, para a *Kierkegaard-Rezeption* alemã, um papel muito mais produtivo que um outro Beck (o resenhista que tentara enquadrar o autor no sistema, conforme mencionado bem antes por Kierkegaard), permanecendo, não obstante, praticamente incógnito. – A boa leitura e uma boa pesquisa dependem certamente, em geral, dos bons tradutores, mas esses, por sua vez, podem dever ainda muito a professores que podem acabar talvez totalmente desconhecidos...

Entre 1872 e 1881 são publicadas, em alemão, nada menos que oito traduções de obras de Kierkegaard, todas pelo mesmo tradutor, o pastor Albert Bärthold, que ainda publicará um (nono) título, muito importante, em 1886, além das várias obras de seus comentários.

Quase ninguém, entre nós, ouviu falar da obra ou da personalidade de Bärthold, mas seu trabalho é impressionante, e há curiosas proximidades (externas) dele com Nietzsche. Nascido, um ano antes de Nietzsche, na Silésia, e frequentando o ginásio em Glatz, na fronteira da Polônia com a atual República Tcheca, veio em 1862 para Magdeburgo, capital da Saxônia-Anhalt, estudar Teologia. Os dois pertencem, neste sentido, à mesma geração. Mas Bärthold não foi um nômade nietzschiano, pois de 1870 até 1911 exerceu as funções de diácono e depois pregador principal (*Oberpredigter*) na cidade de Halberstadt (onde faleceu em 1918), situada na Baixa-Saxônia, a 128 km de Naumburg (onde Nietzsche viveu dos 6 aos 14 anos). Em Halberstadt, Bärthold publicou três traduções, as mais fragmentárias, além de quatro outros títulos em Halle (distante 51 km de Naumburg), e por fim um título em Leipzig (na mesmíssima cidade da Saxônia em que Nietzsche estudara sua Filologia Clássica com Ritschl, a 68 km de distância de Naumburg).

Especifiquemos: Bärthold iniciou por reunir numa versão resumida, impressa como manuscrito (156 pp.), o que se chamaria depois *EINÜBUNG IN CHRISTENTUM*¹⁸, para o que ele inventou um título (que não traduz literalmente o original *INDØVELSE I CHRISTENDOM*, de 1850, do pseudônimo Anti-climacus): *EINLADUNG UND AERGERNIS. Biblische Darstellung und christliche Begriffsbestimmung von S. Kierkegaard* (CONVITE E ESCÂNDALO. Exposição bíblica e determinação conceitual de S. Kierkegaard). A obra de 1850 de Anti-climacus terá outra tradução, do mesmo Bärthold, em 1878, agora, porém, em Halle, Saxônia-Anhalt, com o dobro do tamanho (320 pp.), e, esta sim, exercerá surpreendente influência entre filósofos como Jaspers, Heidegger e Adorno.

¹⁷ Ver, THONHAUSER, 2016, p. 33. Ali, na nota 35, este autor explica que o tradutor Christoph Schrempf também estudou Teologia em Tübingen, mas quando ingressou, em 1879, J. T. Beck já havia falecido.

¹⁸ Uma tradução mais exata, em português, do título *INDØVELSE I CHRISTENDOM*, seria algo como EXERCÍCIO DE INICIAÇÃO AO CRISTIANISMO, mas o livro vem sendo mencionado em geral como ESCOLA DE CRISTIANISMO ou como PRÁTICA DO CRISTIANISMO.

No ano de 1874, ainda na mesma editora da Frantz Buchhandlung, de Halberstadt, Bärthold resumiu, numa espécie de réplica à interpretação psicobiográfica do livro de Brandes, trechos de TEMOR E TREMOR (1843) e do PÓS-ESCRITO ÀS MIGALHAS FILOSÓFICAS (1846) em 132 pp., sob o título *AUS UND ÜBER SÖREN KIERKEGAARD, FRÜCHTE UND BLÄTTER* (DE E SOBRE SÖREN KIERKEGAARD, FRUTOS E FOLHAS).

No ano seguinte, 1875, agora já na cidade universitária de Halle, na editora Fricke, Bärthold publica *ZWÖLF REDEN VON SØREN KIERKEGAARD* (DOZE DISCURSOS DE SØREN KIERKEGAARD, reunindo os QUATRO DISCURSOS EDIFICANTES, de 43, e 8 DISCURSOS CRISTÃOS, de 48). Bärthold, como pioneiro, segue a estratégia de selecionar temas que supõe serem interessantes para o leitor alemão não familiarizado com o autor nórdico, deixando de lado tópicos que talvez só fossem relevantes para os leitores escandinavos da primeira metade desse século.

Mais um ano, 1876, e Bärthold lança um livro autoral sobre Kierkegaard, em Halle, na editora Fricke, paralelamente a outras 38 páginas manuscritas (essas em Halberstadt), com a tradução de três discursos sobre os lírios e os pássaros: *VON DEN LILIEN AUF DEM FELDE UND DEN VÖGELN UNTER DEM HIMMEL*. Esses discursos de 1848, com tema recorrente na obra do dinamarquês, serão acrescentados, no ano seguinte, 1877, aos DISCURSOS POR OCASIÃO DA CONFISSÃO, sempre resumidos, totalizando 78 pp. Este volume mais extenso foi então editado por Fricke, em Halle: *DIE LILIEN AUF DEM FELDE UND DIE VÖGEL UNTER DEM HIMMEL. DREI FROMME REDEN. – HOHEPRIESTER – ZÖLLNER – SÜNDERIN. DREI BEICHTREDEN. (OS LÍRIOS DO CAMPO E OS PÁSSAROS SOB O CÉU. TRÊS DISCURSOS PIEDOSOS. – SUMO SACERDOTE – PUBLICANO – PECADORA. TRÊS DISCURSOS DE CONFISSÃO.)*

Ainda em 1877 (Halle, Fricke) Bärthold publicou uma versão resumida, de 81 pp., do PÓS-ESCRITO ÀS MIGALHAS FILOSÓFICAS, de 1846, sob o título de: *LESSING UND DIE OBJECTIVE WAHRHEIT. Aus Sören Kierkegaard Schriften zusammengestellt.*¹⁹ Trata-se dos capítulos da 2a. Parte do PÓS-ESCRITO, e das considerações “sobre o pensador subjetivo”, uma das questões mais centrais no pensamento do dinamarquês. Atenção: Lessing, a quem o livro no original dedicava mais de 60 páginas, tem, como sabemos, uma importância fundamental para Kierkegaard.

Já mencionamos acima, antecipando, que a segunda obra de Anti-climacus, a de 1850, doravante com o título traduzido literalmente, *EINÜBUNG IN CHRISTENTUM*, apareceria com 320 pp. em 1878. Bärthold, que havia publicado seis anos antes, como manuscrito, aquele resumo de 156 pp., trazia agora,

¹⁹ Os trechos do PÓS-ESCRITO vêm acompanhados de um Anexo com um texto de Rasmus Nielsen, o filósofo contemporâneo que mais privara com Kierkegaard: “*Über den guten Willen als Macht in der Wissenschaft*” (“Sobre a boa vontade como poder na ciência”), que ocupa as páginas 82 a 99.

afinal, o texto completo. Se, na primeira versão, o tradutor, na dúvida sobre a recepção que teria a obra deste pensador, a resumira, agora então a obra aparecia inteira, para logo em 1881 receber a companhia indispensável da outra obra do mesmo pseudônimo²⁰, na mesma cidade de Halle e pela mesma editora Fricke. Ora, *EINÜBUNG IN CHRISTENTUM* tem importância religiosa, teológica, eclesiástica (pastoral) e filosófica. Pois aquele que convida, “Vinde a mim”, não é um Cristo Rei, dominador da cristandade ocidental, todo-poderoso, mas sim um Servo humilde e sofredor, com um anúncio tão indireto que só pode provocar uma decisão: ou a resposta da fé, ou então a atitude da recusa, do escândalo. Sabemos que quando o Bispo Mynster leu este EXERCÍCIO, indignou-se. Mas alguns grandes filósofos também perceberam que a direção indicada mudava radicalmente a perspectiva daqueles que acreditavam que a fé pudesse derivar do entendimento, ou que uma filosofia como a hegeliana, quando bem compreendida, poderia garantir bons cristãos! A ideia-chave de “escândalo”²¹ retira do entendimento o fundamento da adesão, e a baseia numa decisão radicalmente pessoal. Cada um é livre para dizer *Sim*, ou para dizer *Não*! As formas da “cristandade”, que se sedimentam por inércia, devem, pois, ser questionadas, e o “assim chamado cristão” precisa examinar conscientemente sua relação livre para com o “anúncio da boa nova”. Em tempos de “cristandade”, Kierkegaard já antecipava um cristianismo de “diáspora”, num mundo secularizado, onde a opção pessoal seria indispensável, no sim da fé.

Essas três traduções de Bärthold (as duas de 1877, a de 1878) aparecem, pois, em Halle, pela editora Fricke. Da mesma cidade e da mesma editora proveio mais tarde sua tradução de *A DOENÇA PARA A MORTE: DIE KRANKHEIT ZUM TODE (Eine christliche psychologische Entwicklung zur Erbauung und Erweckung, von Sören Kierkegaard/ Um estudo de psicologia cristã, para a edificação e o despertar)*, em 1881. Trata-se aqui da primeira e bem mais conhecida obra do pseudônimo Anti-climacus (1849), que entre nós e em outros países se tornou célebre por tratar do tema do desespero. Kierkegaard, sob a pena do pseudônimo Anti-climacus, aproveita ali as principais ideias do idealismo alemão, de Fichte, Schelling e Hegel, girando o livro todo, no entanto, ao redor do tema da realização do *Selv* (*Selbst*, si-mesmo), como performance vitoriosa. Se desespero significa, a rigor, frustração, a extirpação total do desespero significa a autorrealização do indivíduo, o que se dá, segundo Anti-climacus, na autêntica fé cristã.²²

²⁰ A DOENÇA PARA A MORTE, a primeira do pseudônimo Anti-climacus, era de 1849.

²¹ Os que leem Kierkegaard em inglês falam usualmente de “ofensa”, o que em português pode produzir algum mal-entendido.

²² Se alguns insistem em denominar esta obra TRATADO DO DESESPERO, seria com certeza até mais adequado chamá-la TRATADO DA ESPERANÇA, ou TRATADO DA FÉ (conforme o sugere Hélène Politis). Ocorre que o método negativo empregado leva muitos a essa “ilusão acústica”, como diria o autor.

Tão-somente com a tradução das duas obras de Anti-climacus (um pseudônimo “cristão por excelência”, ou por definição!), o pastor Albert Bärthold já mereceria o reconhecimento unânime dos leitores de Kierkegaard, entre os alemães e os de muitos outros países, e em especial entre os leitores dos arraiais da Filosofia e da Teologia. Anti-climacus, como pseudônimo, é um autor religioso. Na verdade, conforme explica Thonhauser, Bärthold orientava-se pela auto-interpretação que Kierkegaard fornecera em seu livro, deixado inédito, sobre O PONTO DE VISTA SOBRE A MINHA OBRA DE ESCRITOR, ou seja: a de um autor que estreia dissimulado sob as aparências de um esteta (por exemplo, com *O Diário do Sedutor*), mas que após o PÓS-ESCRITO, de 1846, se revela como tendo sido desde o início essencialmente um autor ou *escritor religioso*, pois já o era em 1843, conforme, anota ele, já o atestaria o próprio pseudônimo de “Victor Eremita” (“aquele que se retirou do mundo e o venceu”), de OU – OU.

Todavia, logo após uma publicação de 1885, realizada por Michelsen e Gleiß, na cidade de Leipzig, de *ENTWEDER-ODER, Ein Lebens-Fragment*, do original dinamarquês de 1843, com 648 pp., (ou seja, da primeira, inaugural obra estética e ética, com sua crítica ao romantismo de Friedrich Schlegel), o incansável pastor Albert Bärthold volta à carga, com uma tradução da segunda obra literária gigantesca (com suas 500 pp.): *STADIEN AUF DEM LEBENSWEG, Studien zum Verschiedenen, zusammengebracht, zum Druck befördert und herausgegeben vom Hilarius Bogbinder* (1886, editora Lehmann): ou seja, os ESTÁDIOS NO CAMINHO DA VIDA, obra que reúne um texto estético (*In Vino Veritas*, o banquete dos pseudônimos), um texto ético (Considerações sobre o Matrimônio, do juiz Guilherme) e um texto duplo (de contexto supostamente religioso: Culpado? – Não-culpado?), sob a forma de um diário, com várias novelas inseridas, e por fim as reflexões do psicólogo experimental Frater Taciturnus. As 500 páginas desses ESTÁDIOS, que acabaram por consagrar a ideia de uma sequência triádica “estética-ética-religiosidade” (como se se tratasse de uma dialética externa, uma escada a ser escalada, através de “estágios”), foram, conforme consta no texto, “reunidas, levadas à impressão e editadas por um tal de “Hilário Encadernador”, amigo dos livros, embora de poucas luzes. Um nome de ironia evidente, o que não impediu os docentes de, baseados nele, lerem Kierkegaard à maneira hegeliana.

Este era, pois, o quadro das traduções que Nietzsche teria podido encontrar, em inícios de 1888, antes do fatídico janeiro de 1889, se ele não dependesse apenas das informações de um Georg Brandes refratário ao seu genial conterrâneo. Tivesse Brandes se esforçado realmente na busca de informações editoriais, ou caso Nietzsche tivesse podido informar-se pessoalmente sobre as obras que eram publicadas, digamos, apenas na sua própria região da Saxônia-Anhalt, já teria tido acesso a mais ou menos metade das obras publicadas por Kierkegaard, agora já no seu idioma alemão.

Teríamos que entender também o lado de Georg Brandes, qual a imagem que seu “pequeno livro” teria podido trazer a Nietzsche. Mas preferimos acrescentar antes ainda um breve parágrafo sobre algumas importantes traduções que surgiram logo depois do ano em que Nietzsche deixou de ser produtivo. Para Nietzsche não fariam diferença, mas para os alemães das seguintes gerações já foram realmente marcantes.

Em 1890 (com nosso amigo Nietzsche já fora de combate), aparece uma tradução completa de AS OBRAS DO AMOR (519 pp.), sob o título de *LEBEN UND WALTEN DER LIEBE* [VIDA E REINADO DO AMOR]. Um outro Albert, Dorner, traduziu dessa forma as *KJERLIGHEDENS GJERNINGER*, de 1847. Também em Leipzig, no mesmo ano e com o mesmo editor (F. Richter), aparece uma primeira tradução do pastor rebelado Christoph Schrempf, contendo, num volume único, O CONCEITO ANGÚSTIA e as MIGALHAS FILOSÓFICAS (ambos originalmente de 1844), sob o título interpretativo de *ZUR PSYCHOLOGIE DE SÜNDE, DER BEKEHRUNG UND DES GLAUBENS. Zwei Schriften Søren Kierkegaards* (SOBRE A PSICOLOGIA DO PECADO, DA CONVERSÃO E DA FÉ. Dois escritos de Søren Kierkegaard.) Em 1891, são traduzidos e publicados em Gotha, por Alfred Puls, os três discursos edificantes sobre os lírios e os pássaros de um volume de 1847: ou seja, da segunda parte dos *OPBYGGELIGE TALER I FORSKELLIG AAND*, sob o título literal *WAS WIR LERNEN VON DEN LILIEN AUF DEM FELDE UND DEN VÖGELN UNTER DEM HIMMEL. Drei Reden von Søren Kierkegaard.* (O QUE APRENDEMOS DOS LÍRIOS DO CAMPO E DOS PÁSSAROS SOB O CÉU. Três discursos de Søren Kierkegaard.) Esses são declaradamente discursos edificantes²³, do mesmo ano, aliás, d’AS OBRAS DO AMOR (1847), e Kierkegaard declara que o primeiro deles seria estético, o segundo ético, e o terceiro religioso. Um mesmo tema em três variações! Ou três lições das aves e dos lírios...

Enfim, nos estertores do século XIX, em 1896, surge um importante e influente volume de 631 páginas, que infelizmente não chegou às mãos de Nietzsche, mas que foi muito utilizado por vários filósofos de primeira grandeza, do século XX, os *SÖREN KIERKEGAARDS AGITATORISCHE SCHRIFTEN UND AUFSÄTZE. 1851-1855*, com o título geral de: *ANGRIFF AUF DIE CHRISTENHEIT*, reunindo os textos mais polêmicos e alguns autobiográficos do dinamarquês, quais sejam: *OM MIN FORFATTER-VIRKSOMHED; TIL SELVPRØVELSE; BLADARTIKLER 1854-55; ØIEBLIKKET 1-9; SYNSPUNKTET FOR MIN FORFATTER-VIRKSOMHED; DØMMER SELV!; ØIEBLIKKET 10; GUDS UFORANDERLIGHED.* (SOBRE MINHA ATIVIDADE DE ESCRITOR; PARA AUTOEXAME;

²³ Jamais confundir discursos edificantes, ou mesmo devotos ou cristãos, com “sermões”! – explica o autor, pois os primeiros são considerações de tipo filosófico, e os últimos pertencem ao diálogo entre o pregador e o pecador, supondo inclusive um mandato na comunidade!

ARTIGOS DOS JORNAIS DE 1854 E 55; O INSTANTE 1 – 9; O PONTO DE VISTA SOBRE A MINHA ATIVIDADE DE ESCRITOR; JULGAI VÓS MESMOS; O INSTANTE, N. 10; A IMUTABILIDADE DE DEUS.) São textos que, antes da virada do século, arredondam a obra de Kierkegaard, apesar de não incluírem nem a sua DISSERTAÇÃO SOBRE A IRONIA, nem os seus DIÁRIOS ou *PAPIRER*, que só aparecerão duas ou três décadas mais tarde.

Em outra ocasião talvez possamos examinar brevemente a prestação específica de Georg Brandes, o amigo de Nietzsche, o qual o chamou de “bom europeu”. Mas o tipo de interpretação que Brandes fez não cabe mais neste espaço. Ficamos devendo, para o caso de escrevermos algum dia um artigo específico sobre a interpretação que G. Brandes desenvolveu a respeito de seu genial conterrâneo. – Ao invés disso, queremos aqui simplesmente resumir, sob a forma de um quadro esquemático, as traduções para o alemão realizadas na segunda metade do século XIX. Ressalta, no quadro, a possibilidade que Nietzsche teria tido de ler Kierkegaard em alemão.

TÍTULO ALEMÃO	ORIGINAL	TRADUTOR	CIDADE	EDITORA	ANO	No. PP.
Christentum und Kirche. “Die Gegenwart”. Ein ernstes Wort an unsere Zeit, insbesondere an die evangelische Geistlichkeit.	Øieblikket 1-9	Anônimo.	Hamburg	Köbner (Oncken)	1861	XII + 179
					1864	
Zur Selbstprüfung, der Gegenwart empfohlen.	Til Selvprøvelse, Samtiden anbefalet	Christian Hansen	Erlangen	Deichert	1862	XVII + 79
					1869	VI + 159
					1881	VI + 160
					1895	
Einladung und Aergernis. Biblische Darstellung und christliche Begriffsbestimmung von S. Kierkegaard	Indøvelse I Christendom	Als Manuscript gedruckt Hrsg. von: Albert Baerthold	Halberstadt (Sachsen-Anhalt)	Frantz	1872	IV + 156
Aus und über Søren Kierkegaard. Früchte und Blätter.	Af Frygt og Bæven; Afsl. Uvid. Efterskrift.	Zusammengestellt von Albert Bärthold	Halberstadt	Frantz'sche Buchhandlung	1874	VIII + 132
Zwölf Reden von Søren Kierkegaard.	Fire opbyggelige Taler, 1843; Christelige Taler 1848	Zusammengestellt von Albert Bärthold	Halle	J. Fricke	1875	VII + 158
					1896	IV + 207
Von den Lilien auf dem Felde und den Vögeln unter dem Himmel. Drei Reden Søren Kierkegaards.	[Lilien paa Marken og Fuglen under Himlen.] ?	Aus dem Dänischen von A B [Albert Bärthold]. Als Manuskript gedruckt.	Halberstadt	H. Meyer	1876	IV + 38
Lessing und die objective Wahrheit. Aus Søren Kierkegaards Schriften. Beilage: Rasmus Nielsen über Glauben und Wissen gegen Martensen.	SK Af Afslutende uvidenskabeligt Efterskrift. R. Nielsen: “Über den guten acticidad Macht in der Wissenschaft”	Zusammengestellt von Albert Bärthold	Halle	J. Fricke	1877	VII + 99 RN: p. 82-99.
Die Lilien auf dem Felde und die Vögel unter dem Himmel. Drei fromme Reden. – Hoherpriester –	Lilien paa Marken og Fuglen under Himlen; “Ypperstepræsten;	Zusammengestellt von Albert Bärthold	Halle	J. Fricke	1877	78

Zöllner – Sünderin. Drei Beichtreden von S. K.	Tolderen; Synderinden”				1885	79
					1910	
Einübung im Christentum von Søren Kierkegaard.	Indøvelse i Christendom	Aus dem Dänischen übers. von A. Bärthold.	Halle	J. Fricke	1878	VIII + 320
					1894	
Die Krankheit zum Tode. Eine christliche psychologische Entwicklung zur Erbauung und Erweckung, von Søren Kierkegaard.	Sygdommen til Døden. En christelig psykologisk Udvikling til Opbyggelse og Opvækkelse	Übersetzung von Albert Bärthold	Halle	J. Fricke	1881	VII + 151
Furcht und Zittern. Dialektische Lyrik von Johannes de silentio.	Frygt og Bæven. Dialektisk Lyrik af Johannes de Silentio	Übers. von Hinrich Cornelius Ketels.	Erlangen	A. Deichert	1882	XVI + 118
Furcht und Zittern und Wiederholung	Frygt og Bæven / Gjentagelse	Verbesserte Aufl. Üb. v. Gottsched	Jena	Diederichs	1909	IV + 209
Entweder-Oder. Ein Lebens-Fragment. Von Victor Eremita. 1 + 2 Teil	Enten – Eller. Et Livs-Fragment udg. Af Victor Eremita. Første/Andet Deel.	Alexander Michelsen und Otto Gleiß	Leipzig	Lehmann	1885	VII + 336 IV + pp. 337-648.
		O. Gleiss	Dresden und Leipzig	C. Ungelenk	1904	XI + 606 1 Portrait
				3.	1908	
				4-5.	1910	X + 726
				6.	1924	
Stadien auf dem Lebensweg. Studien von Verschiedenen. Zusammengebracht, zum Druck befördert und hrsg. Von Hilarius Bogbinder.	Stadier paa Livets-Vei. Studier af Forskjellige. Sammenbragt, befordrede til Trykken og udgivne af Hilarius Bogbinder	A Bärthold	Leipzig	J. Lehmann	1886	VI + 500
				Ungelenk	1909	
Leben und Walten der Liebe	Kjerlighedens Gjerninger	Albert Dorner	Leipzig	Fr Richter	1890	XV + 278 + 241
		A Dorner und Christ. Schrempf	Jena	Diederichs	1924	409
Zur Psychologie der Sünde, der Bekehrung und des Glaubens. Zwei Schriften Søren Kierkegaards	Begrebet Angst/ Philosophiske Smuler	Übers. und eingeleitet von Chr Schrempf	Leipzig	F Richter	1890	LVI + 274
Was wir lernen von den Lilien auf dem Felde und den Vögeln unter dem Himmel. Drei Reden von Søren Kierkegaard	Opbyggelige Taler I forskellig Aand. 2. Afd.	Nach dem Dän. Frei bearb. von Alfred Puls	Gotha	C.F. Thienemann	1891	111
Søren Kierkegaards agitatorische Schriften und Aufsätze. 1851-1855. – Angriff auf die Christenheit	Om min Forfatter-Virksomhed; Til Selvprøvelse; Bladartikler 1854-55; Øieblikket 1-9; Synspunktet for min Forfatter-Virksomhed; Dømmer selv ! ; Øieblikket 10; Guds Uforanderlighed.	A. Dorner und Christoph Schrempf	Stuttgart	Fr Frommann	1896	XXIV + 631

Referências

ANONYMUS. **CHRISTENTUM UND KIRCHE. “DIE GEGENWART”**. Ein ernstes Wort an unsere Zeit, insbesondere an die evangelische Geistlichkeit. Von Søren Kierkegaard. Hamburg: Köbner, 1861.

BRANDES, Georg. **NIETZSCHE**. Un ensayo sobre el radicalismo aristocrático. Trad. José Libermann. México: Sexto piso, 2004.

BRANDES, Georg. **SØREN KIERKEGAARD: EN KRITISK FREMSTILLING I GRUNDRIDS**. Copenhagen: Gyldendal, 1877.

BRANDES, Georg. **SØREN KIERKEGAARD, EIN LITERARISCHES CHARAKTERBILD**. Leipzig: Barth, 1879.

COLLI, G./MONTINARI, M. (org.) **NIETZSCHE BRIEFWECHSEL**. Kritische Gesamtausgabe. Berlim/N. York: de Gruyter, 1975. Volume III, 5 e 6.

HOLLINGDALE, R. J. **NIETZSCHE**. Uma biografia. São Paulo: Edipro, 2015.

KIERKEGAARD, Søren. **ANGRIFF AUF DIE CHRISTENHEIT**. Erster Band. Die Akten. Søren Kierkegaards agitatorische Schriften und Aufsätze 1851 – 1855. Uebersetzt von A. Dorner und Chr. Schrempf. Stuttgart: Fr. Frommann’s Verlag, 1896.

MALIK, Habib C. **RECEIVING SØREN KIERKEGAARD**. The Early Impact and Transmission of His Thought. Washington, D.C.: The Catholic University of America Press, 1997. (*The Beginning of Serious Reception in the German-Speaking World*, 339-392.)

NIETZSCHE, Friedrich. **ECCE HOMO**. Como alguém se torna o que é. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. 2a. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **ALÉM DO BEM E DO MAL**. Prelúdio a uma filosofia do futuro. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

NIETZSCHE, F. **CARTAS DE 1888**. Tradução, apresentação e notas de Clademir Araldi. Curitiba: Moura SA, 2021.

THONHAUSER, Gerhard **EIN RÄTSELHAFTES ZEICHEN**. Zum Verhältnis von Martin Heidegger und Søren Kierkegaard. (Kierkegaard Studies Monograph Series, vol. 33). Berlin / Boston: De Gruyter, 2016.

Recebido em: 08/04/2022

Aceito em: 27/08/2022